



Licenciatura de Letras Português

Gérson Fernando Silva Belizário

**UMA ANÁLISE SOBRE A INTERTEXTUALIDADE NOS PLANOS DE ENSINO
TUTORADO DO PRIMEIRO ANO DO ENSINO MÉDIO**

Gérson Fernando Silva Belizário

**UMA ANÁLISE SOBRE A INTERTEXTUALIDADE NOS PLANOS DE ENSINO
TUTORADO DO PRIMEIRO ANO DO ENSINO MÉDIO**

Artigo científico apresentado à Universidade Federal de Lavras, como parte das exigências do Curso de Letras, para a obtenção do título de Licenciado.

Profa. Dra. Valdete Aparecida Borges Andrade
Orientadora

Dedicatória

os meus familiares, pela paciência e companheirismo.
Aos meus colegas docentes, pela disponibilidade e
atenção, por dividir seus conhecimentos e
experiências.

Agradecimento

À minha tutora, que mesmo a distância muito me apoiou e orientaram de forma segura e constante durante todo o curso proporcionando a conclusão desse projeto.

Resumo

Este trabalho tem como objetivo discutir e analisar a intertextualidade nas aulas de língua portuguesa do Primeiro Ano do Ensino Médio através da análise dos PET (Plano de Ensino Tutorado), apostilas de estudo para esse tempo remoto no Estado de Minas Gerais . Para tanto, tomaremos com base os pressupostos de teóricos de Koch e Travaglia (1995), Silva (2002), e Bakhtin (1997), que remetem a uma linguística de texto e enfatizam a relevância da exploração de tal tema junto à aprendizagem da Língua Portuguesa. Essa proposta acontecerá por meio da análise da intertextualidade de três textos pertencentes ao Plano de Estudo Tutorado do estado de Minas Gerais no conteúdo do 1º Ano do Ensino Médio. Salientar a intertextualidade, juntamente com seus desdobramentos, como algo capaz de facilitar e ampliar o ensino, é favorecer a realização de reflexões acerca da prática pedagógica e entender a língua como ferramenta de uma prática social, objetivando o ato comunicativo, e suas particularidades expressas em gêneros – fundamentais para formação de um sensato leitor e produtor de texto. O prazer pela leitura é criado a partir de estímulos e cabe aos profissionais da educação, destacando os de ensino da Língua Portuguesa e de Literatura, proporcionar esse momento aos seus alunos, enfatizando a dialógica que há junto de cada linha, formando cidadãos leitores críticos e assumindo sua cidadania junto ao mundo da leitura.

Palavras-chave: Intertextualidade. Produção de texto. Gêneros Literários.

Abstract

This work intends discuss and analyze the intertextuality in Portuguese language classes in the First Year of High School through the analysis of PET (Plano de Estudo Tutorado), notebook's study adapted to remote time in the State of Minas Gerais. Therefore, we will take the theoretical assumptions of Koch and Travaglia (1995), Silva (2002), and Bakhtin (1997) as a basis for refer to text linguistics and emphasize the relevance of exploring such a theme along with language learning Portuguese. That propost will take place through the analysis of the intertextuality of three texts belonging to the Plano de Estudo Tutorado of the state of Minas Gerais in the content of the 1st Year of High School. Emphasizing intertextuality, along with its consequences, as something capable of facilitating and expanding teaching, is to encourage reflections on pedagogical practice and understand language as a tool of social practice, aiming at the communicative act, and its particularities expressed in genres – fundamental for the formation of a sensible reader and text producer. The pleasure with books and read is create from incentive and it is up to education professionals, highlighting both, teaching Portuguese Language and Literature, to provide this moment to their students, emphasizing the dialogue that exists along each line, forming critical readers and citizens, assuming their citizenship with the world of reading.

Keywords: Intertextuality. Text production. Literary genres.

SUMÁRIO

01. Introdução	8
02. Fundamentação Teórica	10
2.1 Intertextualidade	10
03. Metodologia da Pesquisa	14
04. Análise Corpus	15
05. Considerações Finais.....	19
Referências	20

1. INTRODUÇÃO

Este trabalho tem como objetivo analisar a intertextualidade em textos extraídos das aulas do primeiro ano do Ensino Médio do Plano de Ensino Tutorado (PET), de 2020, que é o material pedagógico utilizado pelo governo de Minas Gerais para continuidade do ensino durante o tempo de aulas remotas por virtude da pandemia do COVID 19. O método a ser utilizado para este estudo será o qualitativo, o qual nos possibilita realizar revisão bibliográfica das principais abordagens dos autores Koch e Travaglia (1995), Silva (2002) e Bakhtin (1997). Para tanto, tomaremos com base os pressupostos teóricos metodológicos da Linguística de Texto.

Como procedimento de viabilização do processo de leitura e de produção textual nas aulas de língua portuguesa, faremos a análise de intertextualidade em três diferentes gêneros, a paródia, a alusão e por fim, a poesia. Essa análise irá oferecer condições para que o aluno realize diferentes leituras de um mesmo texto.

Chamamos de intertextualidade o “diálogo” que ocorre entre dois textos diferentes, independentes e de autores distintos, quando um faz referência a outro que já existia, infundindo em sua forma ou mensagem um novo discurso. Ela pode ocorrer de modo explícito (quando é mais facilmente percebida) ou implícito (menos percebida).

Ao realizar suas leituras, o aluno aciona o seu conhecimento prévio e, com isso, verifica a presença de outro texto na produção que está lendo e, dessa forma, busca a lembrança a que o texto remete, por meio de questionamentos e pesquisas. Esse é um dos fatores da coerência denominado de intertextualidade. Segundo Marcuschi (2008, p. 120), “Há hoje um consenso quanto ao fato de se admitir que todos os textos comungam com outros textos, ou seja, não existem textos que não mantenham algum aspecto intertextual, pois nenhum texto se acha isolado e solitário.” Ou seja, sempre há uma comunicação entre as produções textuais.

A abordagem tradicional da intertextualidade realiza-se através de práticas referentes à estruturação de textos literários, abordando diferentes estilos de época da Literatura, verificando os referentes diálogos existentes entre textos como uma maneira de compreensão e do discurso original que será base para uma nova composição linguística.

A intertextualidade contribui para que haja a compreensão do texto e a produção do entendimento com os textos lidos, destacando a ligação existente entre diversos tipos de textos e suas relações. Este recurso pode transformar as aulas em

momentos de descontração e da interação das habilidades de cada indivíduo.

O tema aqui abordado traz uma forma de apoio à aprendizagem da língua portuguesa para o Primeiro Ano do Ensino Médio, abrangendo ferramentas que facilitem a concepção e a compreensão essencial para as aulas da referida matéria. A escola se mostra como parte responsável em promover a ampliação dos conhecimentos que o educando traz consigo, fazendo-o capaz de interpretar, compreender e escrever diferentes textos. Assim, a aprendizagem passa a ter como objetivo principal o desenvolvimento dessa habilidade, a partir da intertextualidade, usando os conhecimentos prévios de cada aluno, permitindo-lhe identificar estratégias que farão com que ele aprenda a compreender um texto. Essa estratégia se desenvolve quando o aluno observa que muitos textos fazem, em seu interior, referências a diversos textos de outras gerações literárias, dando existência à característica fora do contexto original, ocasionando outros traços estilísticos.

Com base em Koch (1986), podemos afirmar que a intertextualidade é o diálogo entre textos que forma uma relação entre as produções textuais, e que possibilita apresentar diversas linguagens (visual, auditiva, escrita), as quais podem ser expressas nas artes (literatura, pintura, escultura, música, dança, cinema), propagandas publicitárias, programas televisivos, provérbios, charges, dentre outros. (KOCH, 1986).

Conforme Beaugrande e Dressler, a intertextualidade compreende as diversas maneiras pelas quais a produção e recepção de dado texto depende do conhecimento de outros textos por parte dos interlocutores, isto é, diz respeito aos fatores que tornam a utilização de um texto dependente de um ou mais textos previamente existentes. (KOCH e TRAVAGLIA, 1995, p. 88)

Assim, fica claro que, sem que haja uma bagagem de conhecimento adquirido pelo leitor, é impraticável a compreensão total do que está sendo explicitado pelo autor do texto, já que o intertexto também se constitui como um elemento de mediação dos entendimentos.

A partir do objetivo deste trabalho, que é discutir e analisar a intertextualidade nas aulas de língua portuguesa, vamos demonstrar a importância do aprendizado de diferentes formas de se produzir um novo texto e determinar como esse fator, a intertextualidade, interfere no nível de compreensão do mesmo. Relacionar um texto com outro é buscar o entendimento da ideia do texto lido em sua profundidade e, por consequência, ser capaz de formar opinião sobre o recurso adotado pelo autor para quando for compor seus próprios conteúdos. Podemos assim dizer que as aulas de Língua Portuguesa são fundamentais para que o aluno utilize a intertextualidade como

uma estratégia para a construção de novas produções textuais, compreendendo seu conceito e praticando.

Para uma melhor organização, será apresentada, na parte que se refere ao Referencial Teórico, na seção 2.1, a definição de intertextualidade, como a ideia de algo referente à produção de textos, de forma direta ou indireta. Podemos perceber essa comunicação entre os textos, lendo diversos gêneros de texto, independentemente de seu período de produção ou da linguagem utilizada, tendo como base Koch e Travaglia (1995) que nos explicita que “todo texto é um objeto heterogêneo, que revela uma relação radical de seu interior com seu exterior” Silva (2002) e Bakhtin (1997). Na seção 3.0, apresentamos a Metodologia da Pesquisa adotada. Na seção 4.0, apresentamos a análise do corpus, em que faremos a análise de três textos extraídos das aulas do primeiro ano do Ensino Médio do Plano de Ensino Tutorado (PET) de 2020, que são apostilas utilizadas pelo estado de Minas Gerais para a aprendizagem de ensino remoto, criada em virtude de pandemia do Covid-19. No final do artigo será desenvolvida uma breve consideração acerca do que foi discutido anteriormente.

2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

2.1 Intertextualidade

Intertextualidade, a princípio, nos traz a ideia de algo referente à produção de textos, entretanto é necessário compreender que o ponto fundamental de tal abordagem se dá quando trabalharmos diferentes gêneros textuais. Através desses textos, é possível verificar a comunicação existente entre diversas produções, retratando o discurso base da construção de uma nova composição linguística.

O entrelaçar das linguagens não encontra seu ponto final em um só tipo de texto. Sua heterogeneidade permite-lhe variar de acordo com a necessidade de cada parte comunicativa de uma esfera global, seja no diálogo antigo, contemporâneo ou no uso do formalismo e da linguagem informal.

De acordo com Bakhtin (1997), a intertextualidade é uma propriedade específica à produção dialogal humana, originada a partir da caracterização de dialogismo e polifonia textual. O dialogismo é uma qualidade da fala humana, uma vez que, a linguagem promoverá o diálogo entre os indivíduos gerando uma determinada situação comunicativa.

outro - remete a outra, explicitada por Kristeva (1969) ao sugerir que Bakhtin, ao falar de duas vozes coexistindo num texto, isto é, de um texto como atração e rejeição, resgate e repelência de outros textos, teria apresentado a ideia de intertextualidade. (BARROS; FIORIN, 1999, p. 50).

Tendo como base esse conceito, podemos dizer que a intertextualidade dialoga com todas as formas de textos, seja ele literário ou não literário, verbal ou não verbal, e até mesmo nas artes. Com isso, é possível notar que toda produção textual é originada de outro texto, de forma direta ou indireta. Podemos perceber essa comunicação entre os textos, lendo diversos gêneros de texto, independentemente de seu período de produção, ou da linguagem utilizada. Sempre é possível atentar a diálogos que nos remetem a outros textos, e perceber que toda leitura, de certa forma, é intertextual, já que quando lemos fazemos associações com outras leituras. De acordo com Koch (2000, p. 46),

Todo texto é um objeto heterogêneo, que revela uma relação radical de seu interior com seu exterior; e, desse exterior, evidentemente, fazem parte outros textos, que lhe dão origem, que o predeterminam, com os quais dialoga, que retoma, a que alude, ou a que se opõe. (KOCH, 2000, p. 46)

A intertextualidade pode apresentar-se de diversas maneiras: citação direta, sugestão, recriação ou uma simples negação crítica da forma ou conteúdo de outro exposto, outro texto. Como formas mais usadas desse recurso, podemos citar:

- alusão - “referência explícita ou implícita a uma obra de arte, um fato histórico ou um autor, para servir de termo de comparação, e que apela à capacidade de associação de ideias do leitor. [...] Só pelo processo de reconhecimento e/ou reidentificação desta relação por parte do leitor é que a alusão se pode tornar efetiva, pelo que tem uma função mais exigente do que a mera citação. A alusão difere desta ainda pelo fato de o seu sentido depender fortemente do contexto em que esta inserida. Por exemplo, no enunciado: ‘O meu clube alcançou uma vitória de Pirro’, o leitor só poderá descodificar a associação estabelecida se conhecer a história do célebre general grego que, após uma difícil vitória terá afirmado: ‘Mais uma vitória como esta e estou perdido’. A alusão à vitória de Pirro passou a significar em qualquer contexto um triunfo difícil.”(CEIA, 2008);
- citação - ocorre sempre que há reprodução de uma enunciação pertencente a outro processo enunciativo de forma explícita, podendo ser *ipsis litteris*, isto é, com as

mesmas palavras, sendo indicada por pontuação específica e referência ao autor do enunciado original;

- epígrafe - onde temos um pequeno texto ou fragmento em forma de inscrição destacada que é colocada no início de um livro, capítulo, poema etc. para lhe servir de tema ou motivação para o desenvolvimento do trabalho;
- metáfrase - “tradução interpretativa de um texto, sem prestar muita atenção à forma original do texto traduzido. É sinônimo de paráfrase, por significar também explicitação de texto. (...) A escolha de palavras e relação de ideias deve ser feita de forma a simplificar a mensagem e torná-la compreendida eficazmente pelo ouvinte ou destinatário da explicitação. A única diferença substancial entre uma metáfrase e uma paráfrase é a sua extensão: a primeira exige uma redução do discurso ou contração do texto metafraseado; a segunda amplifica o texto parafraseado.” (CEIA, 2008)
- paródia - podemos dizer que uma das mais utilizadas e compreendidas entre os produtores de textos, apresenta-se como a recriação de um texto com nítido objetivo de satirizar, contestar ou ridicularizar um discurso específico.

Existem vários outros tipos de intertextualidade, o pistache, o plágio, a tradução, a versão (geralmente utilizada para músicas), que não iremos tratar aqui nesse trabalho.

Segundo Azeredo (2007, p. 133), “A nossa memória textual atua no tecido de nossos discursos, ligando os contextos históricos e impregnando de sentido os textos que produzimos,” o que torna a aprendizagem da Língua Portuguesa algo que pode se basear em diálogos, para impulsionar o desenvolvimento do conhecimento individual numa dimensão completa. importante ressaltar que o trabalho do professor, dentre outros, é de ampliar, no educando, a capacidade de detectar um intertexto. Assim, a intertextualidade torna-se “um fenômeno constitutivo da produção do sentido e pode-se dar entre textos expressos por diferentes linguagens” (SILVA, 2002, p.12). Sendo assim o educador deve avançar na ideia de que toda produção textual é o resultado de outros textos, deixando claro quando dizemos que tais obras são um conjunto de palavras que dão margem a uma discussão, ou seja, a outro texto que traz uma reflexão.

Uma das vias dessa reconstrução é a de permutar textos, fragmentos de textos que existiram ou existem em redor do texto considerado, e, por fim, dentro dele mesmo; todo texto é um intertexto; outros textos estão presentes nele, em níveis variáveis, sob formas mais ou menos reconhecíveis. (GREIMAS, 1966, p. 60).

A linguagem é uma forma de expressão individual, orientada por um objetivo específico, onde um processo de intertextualidade inicia-se nas práticas sociais

existentes entre os diferentes grupos de uma sociedade, nos eminentes momentos de seu enredo.(FÁVERO; ANDRADE; AQUINO, 2009, p. 9) Com relação a esse assunto, faz-se necessário levar em consideração os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN):

o domínio da língua, oral e escrita, é fundamental para a participação social efetiva, pois é por meio dela que o homem se comunica, tem acesso à informação, expressa e defende pontos de vista, partilha ou constrói visões de mundo, produz conhecimento. Por isso, ao ensiná-la, a escola tem a responsabilidade de garantir a todos os seus alunos o acesso aos saberes linguísticos, necessários para o exercício da cidadania, direito inalienável de todos (BRASIL, 1997, p. 15).

Como documento oficial e atual que apresenta os caminhos a percorridos dentro do ensino da Língua Portuguesa, a BNCC (Base Nacional Comum Curricular), traz a intertextualidade como passível de estabelecer relações de interdiscursividade que permitam a identificação e compreensão dos diferentes posicionamentos e/ou perspectivas em jogo, do papel da paráfrase e de produções como as paródias e a estilizações. (BNCC, 2018, p.77)

Assim, para garantir ao aluno o acesso aos saberes linguísticos, é necessário que o professor lhe dê condições para dominar diferentes tipos de texto, estimulando-o a adquirir conhecimentos durante a convivência social. Cavalcante (2012, p.18-19) apresenta três concepções básicas de texto:

Artefato lógico do pensamento: inicialmente, o texto era concebido como um mero artefato lógico do pensamento do autor. Nesse caso, caberia ao leitor apenas captar essa representação mental e as intenções do produtor. Decodificações das ideias: posteriormente, passou a ser entendido como um produto da codificação de um emissor a ser decodificado pelo ouvinte, que para compreendê-lo bastava dominar o código linguístico (conjunto de estruturas da língua). Nesta ênfase a concepção de texto reside na ideia que sua principal função seria transmitir informações a um interlocutor passivo. Processo de interação: o entendimento sobre o que vem a ser um texto é balizado pela noção de interação. O texto, então, é tomado com evento no qual os sujeitos são vistos como agentes sociais que levam em consideração o contexto sociocomunicativo, histórico e cultural para construção dos sentidos e das referências dos textos.

Concluindo, a intertextualidade precisa fazer parte do planejamento do professor de Língua Portuguesa e de Literatura, pois a cultura do país e do mundo se apresentam em constante movimento, dando a função ao professorado de levar o aluno ao reconhecimento de intertextos e a redigir novos conteúdos utilizando, também, esse recurso.

A seguir, apresentamos a metodologia de pesquisa adotada.

3.0 METODOLOGIA DA PESQUISA

Diante do tema apresentado e da questão levantada sobre o auxílio da intertextualidade no ensino da língua portuguesa, analisamos textos extraídos das aulas do primeiro ano do Ensino Médio do Plano de Ensino Tutorado (PET), de 2020, que é o material pedagógico utilizado pelo governo de Minas Gerais para continuidade do ensino durante o tempo de aulas remotas por virtude da pandemia do COVID 19.

Para compor nosso corpus, selecionamos três (03) textos extraídos das aulas do primeiro ano do Ensino Médio do Plano de Ensino Tutorado (PET), de 2020.

Segundo Birdemann (2001, p. 79),

corpus constitui um conjunto homogêneo de amostras da língua de qualquer tipo (orais, escritos, literários, coloquiais, etc.). Tais amostras foram escolhidas como modelo de um estado ou nível de língua predeterminado. A análise dos dados linguísticos de um corpus deve permitir ampliar o conhecimento das estruturas linguísticas da língua que eles representam. (BIDERMANN 2001, p. 79)

Diante de tal definição, explorando os textos do Plano de Estudo Tutorado, de 2020, do Primeiro ano do Ensino Médio, tendo como base a intertextualidade, é possível realizar uma análise linguística, fixando as diversas figuras de linguagem que temos dentro da nossa língua.

Em cada texto, ou fragmento dos textos selecionados, iremos explorar a frequência das palavras mais comuns da língua bem como a das classes gramaticais, apontando comprovação de colocações e reconhecendo o detalhamento de lexias compostas e complexas em nossa língua.

Após a coleta dos textos, que são fazem parte do *corpus*, apresentamos a análise que irá verificar a intertextualidade, a qual remete a um novo texto e mantém uma comunicação entre a nova produção e sua raiz. Dessa forma, ao longo deste trabalho, os textos serão explorados, para realizarmos a análise.

Faz-se necessário destacar que o método adotado para atingirmos o objetivo desta pesquisa foi qualitativo, tendo em vista a interpretação do conteúdo, a leitura de novos textos e a produção do mesmo, investigando a intertextualidade em diferentes três textos diferentes, sendo duas poesias e uma resenha de livro.

4.0 ANÁLISE CORPUS

TEXTO 1

Há doenças piores que as doenças.

Paulo Henrique Brito

Há doenças que são mais que doenças,
 que não apenas são à vida infensas
 como oferecem algumas recompensas
 que tornam mais urgente e mais difícil
 o já por vezes inviável
 ofício
 de habitar o íngreme
 edifício...

Paulo Henrique Britto

(Texto retirado do P.E.T.01, pertencente à função de linguagem poética.)

Paulo Henrique Brito, poeta, professor e tradutor nascido em 1951, escritor do poema em questão faz o uso da intertextualidade em sua obra lançada em 2007 ao utilizar de uma citação pertencente a Fernando Pessoa em seu poema de mesmo título: “Há doenças piores que as doenças.” É possível, portanto, observar, por meio do critério intertextualidade, uma paródia onde, a autoria da frase ‘emprestada’ de outro poema para este. Neste caso, Paulo Henrique Britto considerou oportuno apropriar-se da famosa frase-título do poema de Fernando Pessoa para iniciar sua obra presente no livro “Tarde”, da série “Uma doença”.

Brito desenvolveu um novo poema, porém ao estudá-lo, conseguimos perceber, nas frases, palavras e expressões utilizadas, que seu texto originou-se de outro poema, apresentando a intertextualidade do texto exposto.

Em seu novo texto, Brito não deixou sua autenticidade de lado, ao utilizar citações de Fernando Pessoa, e criou um novo poema, porém deixou implícito que para realizar a nova produção, é necessário um alicerce, onde ele utiliza de algo já existente no meio literário.

Em sua obra Paulo Henrique Britto utiliza, não só do sentimentalismo e subjetividade para com as entrelinhas de seus versos: nele, vê-se o homem diante de sua própria história. Apropriando-se do uso de um tom mais propenso à reflexão e culpa para com o leitor, o autor se posiciona como o próprio eu-lírico do poema afim de

interagir e aproximar-se do indivíduo para mostrar que, assim como Fernando Pessoa expõe em sua obra, há doenças que não são descritas como tal, mas são mais dolorosas que todas outras: é sentida mais no próximo do que em nós mesmos. O trecho “que tornam mais urgente e mais difícil o já por vezes inviável”, por exemplo, relaciona-se em contrapondo-se ao “existe, existe demoradamente, E demoradamente é nossa e nós...” presente na obra de Fernando Pessoa, é facilmente identificado como uma relação ambígua de que há angústias e comoções os quais somos obrigados a convivermos: sem ao menos as entender, descrever ou contender. Apenas lidamos. “Dá-me mais vinho, porque a vida é nada” Fernando Pessoa.

A intertextualidade, nesse caso, nos faz pensar que tudo o que lemos ou escrevemos vem de uma bagagem pré existente daquilo que, em algum momento, já tivemos a oportunidade de conhecer. Ela não pode ser entendida como uma releitura de alguma obra que existe, mas sim, como um novo texto que utiliza de algo como base para tornar concisa a produção.

Brito deixa explícito através de sua obra, que a mesma não trata-se de uma releitura do poema de Fernando Pessoa, mas sim, a criação de um novo texto em que utilizou, como base, a sabedoria e fineza do poeta português para ganhar sua importância em nossa literatura.

TEXTO 2

Resenha do Livro Quarto de Despejo: Diário de uma Favelada

Por Jarleson Lima

Como uma biografia, o diário de Carolina Maria é tecido por uma linguagem simples que muito se assemelha à oralidade, com gírias e erros ortográficos que dão tom ainda mais sincero à obra. Aliás, a escrita é um dos pontos contundentes de Quarto de Despejo, grande parte dos acontecimentos é narrada com o período do dia que se segue.

Apesar da modéstia na produção, o livro é perspicaz no conteúdo. As palavras soam de maneira estridente. É como se cada sentença emitisse um som inquietante e tivesse gosto de xarope, tornando a experiência difícil, porém, necessária. A realidade grita por entre as páginas. O diferencial é como a autora conta os fatos: parece que estamos em sua frente, tomando um copo de leite e comendo o pão adormecido que costumava comprar por seis cruzeiros, enquanto ela nos despeja verdades que não queremos escutar. Truque de gênio. Genialidade que, a propósito, tem começo na elaboração da metáfora que dá nome à obra. Carolina Maria pensou na cidade de São Paulo como uma grande casa: o Palácio é a sala de visita, a Prefeitura é a sala de

jantar e a cidade é o jardim. A favela é entendida, então, como um quarto de despejo, no qual ficam os objetos fora de uso que vão para o lixo ou são queimados. É desse modo que a autora se sente: um farrapo que fora deixado de lado pela sociedade e jogado no inferno. Assim, sem eufemismos, apremissa do Diário de uma favelada é subjetivamente feita. Cabe aqui, então, lembrar que em momento algum ela dita o tema da obra. Você sabe!

Em seus relatos, além dos filhos, outros personagens são recorrentes: os vizinhos do barraco 15x15 em que mora, principalmente aqueles com quem possui desavenças. Os moradores da favela do Canindé são descritos de modo bruto, constantemente remetidos a animais por suas ações quase primitivas. Não é difícil encontrá-los rolando no chão em brigas ocasionadas por fatos ordinários ou mantendo relações sexuais para todo mundo ver.

Durante a leitura é persistente perceber que tais características aproximam Quarto de Despejo de outro livro: O Cortiço, de Aluísio Azevedo, apresentando uma alusão do mesmo. O romance naturalista realista encontra, aqui, paralelo por também transformar a maioria dos personagens em bestas que agem por impulso.

E se estamos falando de personagens, não se pode deixar de lado um que é, praticamente, o elo que une todos os “núcleos”: a Fome. Dizer que a Fome é apenas um personagem abstrato seria pura tolice.

Em Quarto de Despejo ela toma forma — mesmo que ironicamente impalpável — de um carrasco sanguinário. Tal carrasco corrói, gera inimizades, destrói laços, provoca suicídios e assassinatos.

Carolina Maria de Jesus não hesitou em transcrever uma dura realidade do Brasil do modo que deve ser feito. Não “colocou açúcar” naquilo que, muitas vezes, é suavizado para não chocar. Precisamos ficar chocados, pois só assim nos questionamos. Aliás, Quarto de Despejo proporciona isso: reflexão. Somos levados a pensar nos maniqueísmos cotidianos e na falha deles. Acima de tudo, essa é uma obra que mais do que livro de cabeceira, deveria ser bibliografia recomendada em grades curriculares da educação.

(Texto retirado do P.E.T.IV, atividade 01)

Em suma, a definição de intertextualidade nos dá a entender que ela se define pela criação e relação de um texto a partir de outro existente. Portanto, tomando tal ponto de vista como relevante para a presente interpretação, é possível, no texto em questão, verificar a visível e explícita intertextualidade, especialmente pelo fato de ser uma resenha: um estilo de resumo crítico-opinitivo que se constrói baseado em determinada obra literária ou cinematográfica. O autor Jarleson Lima utiliza-se,

juntamente à intertextualidade de seu texto baseada na obra de Carolina Maria de Jesus, a prática da citação, podendo ser observada na segunda linha do quinto parágrafo de sua resenha ao citar a obra “O cortiço”, de Aluísio de Azevedo.

Nesse texto, observamos a riqueza dos detalhes, mesmo diante da triste realidade demonstrada, assim como temos na obra de Aluísio de Azevedo. O novo autor, Jarleson Lima, não faz uma releitura da obra já existente, mas utiliza dela para dar realidade à sua obra, enriquecendo ainda mais sua originalidade de escrita e produção.

Utilizar de uma obra já existente, para se realizar um novo projeto, é valer-se do aprendizado que possuímos ao longo de nossa existênica. É como abrir uma caixa com vários guardados e dar sentido a todos eles, mostrando a quem os colocou ali que não foi em vão, que aquele algo se tornou uma nova obra.

TEXTO 3

Mar português

Fernando Pessoa

Ó mar salgado, quanto do teu sal
São lágrimas de Portugal!
Por te cruzarmos, quantas mães choraram,
Quantos filhos em vão rezaram!

Por te cruzarmos, quantas mães choraram,
Quantos filhos em vão rezaram!
Quantas noivas ficaram por casar
Para que fosses nosso, ó mar!
Valeu a pena? Tudo vale a pena
Se a alma não é pequena.
Quem quer passar além do Bojador
Tem que passar além da dor.
Deus ao mar o perigo e o abismo deu,
Mas nele é que espelhou o céu.

Fernando Pessoa, em seu famoso poema que, posteriormente, seria alvo da adaptação musical através do olhar intertextual para com o mesmo, ao criar “Mar Português”, inspirou-se nos famosos versos de “Os Lusíadas”, poema português de

Luis de Camões no qual conta a história de sua nação, extraindo, especialmente, as aventuras e crenças marítimas da época.

É possível perceber, portanto, como a intertextualidade se faz presente em nosso mundo literário de maneira tão comum e rotineira que, alguma vezes, passa até despercebido: Fernando Pessoa inspirou-se e utilizou de Camões para a escrita de seu poema que, por sua vez, serviu como base para música “Tudo vale a pena”, de Pedro Luis e Fernanda Abreu.

A tão conhecida frase “tudo vale a pena se a alma não é pequena”, originada inicialmente através de Fernando Pessoa, é um exemplo da intertextualidade direta entre a música e o poema, já que é algo em comum entre ambos. Apesar, no entanto, de tratarem de situações adversas e transmitirem uma moral divergente entre si, partem de um mesmo ponto de vista e tema abordado em suas obras.

A intertextualidade não pode, ou deve ser considerada como plágio, termo este no qual, em suma, refere-se à “assinar e publicar uma obra de natureza literária cuja autoria pertença a outra pessoa”, mas sim, como podemos perceber nesse exemplo, como a utilização de algo existente em uma nova dinâmica, que por várias vezes, não vai ter ligação nenhuma com seu texto original.

Quem de nós, poderíamos imaginar, que a música que Pedro Luis e Fernanda Abreu cantam por esse nosso mundo afora, tem origem e inspiração em “Os Lusíadas”, de Camões?

Isso é a riqueza da intertextualidade, é trazer algo lá dos primórdios e colocar na fala popular sem causar estranheza e muito menos contemplar a originalidade, mas sim, abrilhantar o novo, dando sustentabilidade ao que está sendo produzido.

5.0 Considerações Finais

A intertextualidade se manifesta de diversas formas, produzindo diferentes sentidos aos mais variados textos. Expressar a intertextualidade revela o jogo entre estilos e gêneros da linguagem.

Por meio da análise dos textos, percebemos, de forma mais aprofundada a comunicação que existe entre os diferentes gêneros textuais, ressaltando as marcas individuais de cada autor.

Os textos pesquisados para o artigo aqui apresentado continuam, em diferentes intensidades, relações intertextuais com outros textos, chamados assim de originais, sem explicitar as afirmações contidas neles. Essa característica pode ser atribuída ao estilo do gênero de cada produção textual utilizada.

A pesquisa possibilitou aprofundar em textos tidos como obsoletos, mas que

estão mais presentes do que se pode imaginar em nosso cotidiano, mostrando que a bagagem de aprendizagem que construímos ao longo do nosso caminhar tem utilidade, basta termos o discernimento para compreendê-la.

Cada autor expõe relação com a intertextualidade, e, com isso, constrói sua argumentação, conforme demonstramos. . Por meio do trabalho que se realiza com a linguagem, cada pesquisador da área da linguística cria seu próprio “estilo” para dialogar com os textos alheios.

Por um lado, alguns autores deixam, de forma explícita, em suas obras de onde veio a inspiração para sua nova produção, utilizando de frases, partes ou, até mesmo, da linguagem de outros autores. Por outro, alguns não deixam tão explícito assim, o que faz com que o leitor tenha dúvida, fique intrigado se já leu o texto anteriormente. Essa dúvida, muitas vezes, torna a leitura mais gostosa e intrigante.

Cada autor tem seu estilo próprio; a intertextualidade não priva nenhum deles disso, pelo contrário, ao buscar em outros textos inspiração para escrever um novo texto mostra o quanto de conhecimento o novo autor possui, o que torna sua obra mais original.

Com este estudo, foi possível constatar a necessidade, por parte do docente, de uma ação reflexiva sobre sua atividade profissional. É preciso reconhecer o verdadeiro papel de uma construção coletiva, e proporcionar ao discente a possibilidade de ampliação de sua “bagagem”, e dar oportunidade dele utilizar esse conhecimento em suas produções.

Com base nas análises, concluímos que é preciso que o professor tenha não só a capacidade de moldar novos leitores, mas também a possibilidade de tecer novos escritores.

Referências

- AZEREDO, J. C. de. **Ensino de português: fundamentos, percursos, objetos.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2007.
- BARROS, D. L. P. de; FIORIN, J. L.. (Org.). **Dialogismo, Polifonia, Intertextualidade: em torno de Bakhtin.** São Paulo: Edusp, 1999.
- BAKHTIN, M. **Estética da criação verbal.** 2ª edição. São Paulo: Martins Fontes, 1997.
- BRASIL. **Ministério da Educação. Parâmetros Curriculares Nacionais: terceiro e quarto ciclos do Ensino Fundamental – Língua Portuguesa.** Volume: Linguagens, códigos e suas tecnologias. Brasília: MEC/SEB, 1998.
- BIDERMANN, M.T.C. **Teoria Lingüística.** 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2001.
- CAVALCANTE, M. M.. **Os sentidos do texto.** São Paulo: Contexto, 2012.
- CEIA, Carlos. **E-Dicionário de termos literários.**
Disponível em: <<http://www.fcsh.unl.pt/invest/edtl/verbetes//intertextualidade.htm>>
- CERTEAU, M. de. **La fable mystique: XVIe-XVIIe siècle – II.** 2013. Gallimard, Paris: 390p.
- FÁVERO, Leonor Lopes; ANDRADE, Maria Lúcia C. V. O. ; AQUINO, Zilda G. O. **Oralidade e escrita: perspectivas para o ensino de língua materna.** 4 ed. São Paulo: Cortez, 2003.
- GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa.** São Paulo: Atlas, 2002.
- KOCH, I. G. V. & TRAVAGLIA, L. C. **A coerência textual.** São Paulo, Contexto, 1995
- KOCH, I. G. V. **O texto e a construção dos sentidos.** São Paulo: Contexto, 2001.
- KOCH, I. G. V.. **Desvendando os segredos do texto.** 4ª ed. São Paulo: Cortez, 2005.
- GREIMAS, A. J. **Sémantique structurale.** Paris: Larousse, 1966.
- SILVA, M. da. **Repensando a leitura na escola: um mosaico.** Niterói: EdUFF, 2002.
- SOLÉ, I. **Estratégias de leitura.** 6ª edição. Porto Alegre: Artes Médicas, 1998.